

Base de dados técnico científica

Desenvolvimento do Índice de Atratividade das Exportações do Setor Têxtil Brasileiro¹

1. Introdução

A indústria têxtil, responsável pela produção de todos os tipos de tecidos – sejam eles os mais comuns, como os que compõem as vestimentas, ou de uso mais específico, como cintos de segurança em meios de transporte – é um dos principais setores econômicos de alguns países, com destaque para a economia brasileira.

Na economia brasileira a indústria têxtil é bem diversificada; algumas empresas se encarregam da produção completa, desde a transformação de fibras em fios, até a finalização do tecido, enquanto outras garantem apenas uma das fases da produção. A chamada “cadeia produtiva” incluiria a fiação, a tecelagem, a malharia, o acabamento, e finalmente, a confecção.

As referências à indústria têxtil, neste produto técnico, serão condizentes com a cadeia agregada, e não com uma fase específica da produção supramencionada – a não ser que destacado. Assim como outros mercados brasileiros, a exemplo do de calçados, a indústria têxtil é bem pulverizada, havendo uma miríade de pequenos e médios produtores. Essa característica gera um equilíbrio com as grandes empresas do setor.

Buscando compreender melhor a estrutura dessa tão variada e complexa indústria no Brasil, o presente produto técnico pretende apresentar um indicador desenvolvido com metodologia própria capaz de mensurar a atratividade de cada país, possível importador de produtos têxteis. Assim, espera-se que tanto a indústria como os formuladores de políticas públicas e de comércio exterior sejam auxiliados nas futuras escolhas de parceiros internacionais, de forma pragmática e a partir de métricas. Os indicadores elaborados não só medirão a atratividade de um mercado para as exportações têxteis brasileiras, como também demonstrarão importantes dados sobre o comércio internacional desse setor.

A partir de uma parceria de pesquisa entre a Associação Brasileira de Indústria Têxtil (ABIT) e o programa de Mestrado Profissional, foi desenvolvido um índice de atratividade do setor têxtil que amparará as decisões do setor em termos de destinos potenciais da produção têxtil brasileira no mundo. O indicador é multidimensional e pode ser utilizado em cada uma das dimensões ou de forma agregada.

A parceria entre a ABIT e o Mestrado Profissional deu-se por meio de financiamento à pesquisa sob a forma de uma bolsa a um mestrando do programa que, sob a supervisão de professores, desenvolveu o índice como parte da dissertação de mestrado. Com a conclusão da dissertação e do índice, o setor têxtil utilizará os resultados da base de dados técnico científica para ampliação do escopo de alcance da produção têxtil do Brasil no exterior.

¹ Pesquisa e Base de dados técnico-científica realizada por meio de um convênio de cooperação entre o Programa de Mestrado Profissional e a ABIT. Os autores agradecem pelo apoio financeiro da ABIT. Os nomes da instituição e do programa foram omitidos intencionalmente para não prejudicar a avaliação pelo sistema *blind review*.

2. A indústria têxtil brasileira

O setor de Têxteis e Confeccões é imprescindível para o Brasil e para o mundo. De acordo com a OMC (Organização Mundial do Comércio), em 2012, o setor agregado (ou seja, combinando têxteis e confecções) “movimentou cerca de 744 bilhões de dólares” – e o valor só tende a crescer. Para 2020, a previsão é que o setor movimente “aproximadamente 851 bilhões de dólares” (FCEM, 2019a).

A cadeia de fabricação é considerada indústria de transformação, e apesar do Brasil ser considerado “pouco expressivo” no comércio internacional – é o 30º importador e 40º exportador² – ele se destaca como especializado, aparecendo entre as lideranças quando se trata de malhas, *denim* e confecções, e demonstra muita disposição de uma inserção maior. (FIESP, 2018)

Tabela 1. Posição Brasileira nos Países Exportadores.

Posição	País	Milhões de Dólares	Participação (%)
1	China	273.573	34,80
2	Índia	37.162	4,70
3	Alemanha	32.408	4,10
4	Bangladesh	31.788	4,00
5	Itália	31.644	4,00
6	Vietnã	28.420	3,60
7	Hong Kong	26.539	3,40
8	Turquia	26.357	3,40
9	Estados Unidos	24.885	3,20
10	Espanha	15.937	2,00
40	Brasil	2.313	0,30

Fonte: Dados do Inteligência de Mercado (IEMI), 2016

A produção internacional tem bastante espaço para crescer, por isso é positiva a construção de um índice de atratividade que explore parceiros que auxiliem nessa expansão.

A cadeia têxtil completa se inicia nas plantações de algodão ou na obtenção de fibras sintéticas, passando pela produção de fios, confecção, tecelagem, venda através de atacado ou varejo, e chegando até a alta costura ou ao cotidiano de todo brasileiro. De acordo com dados do grupo Febratex (FCEM, 2019a), o Brasil é dono da maior cadeia integrada de todo o Ocidente.

O segmento têxtil brasileiro é muito amplo e abrange uma variedade de indústrias, desde a produção e beneficiamento de matéria-prima (algodão, lã e poliéster) até o desenvolvimento de maquinário tecnológico, passando por produtos intermediários e vestuário. (FCEM, 2019b)

O setor emprega 1 milhão e 500 mil pessoas diretamente, das quais três quartos são mulheres. O grande número de trabalhadores explica porque, de acordo com o relatório setorial LAFIS (2019), “uma parcela considerável dos custos de produção está relacionada aos gastos com mão de obra”. Ultimamente, os valores da produção média da cadeia desagregada têm-se que:

No que diz respeito à produção média de confecção, incluindo vestuário e meias, acessórios e cama, mesa e banho, foram 8,9 bilhões de peças

² O Brasil detém 0,3% do total exportado no setor internacionalmente, e 0,7% do total importado (FIESP, 2018). Desagregados, os dados são mais expressivos; o Brasil produz 2,4% dos têxteis e 2,6% do vestuário (FCEM, 2019a)

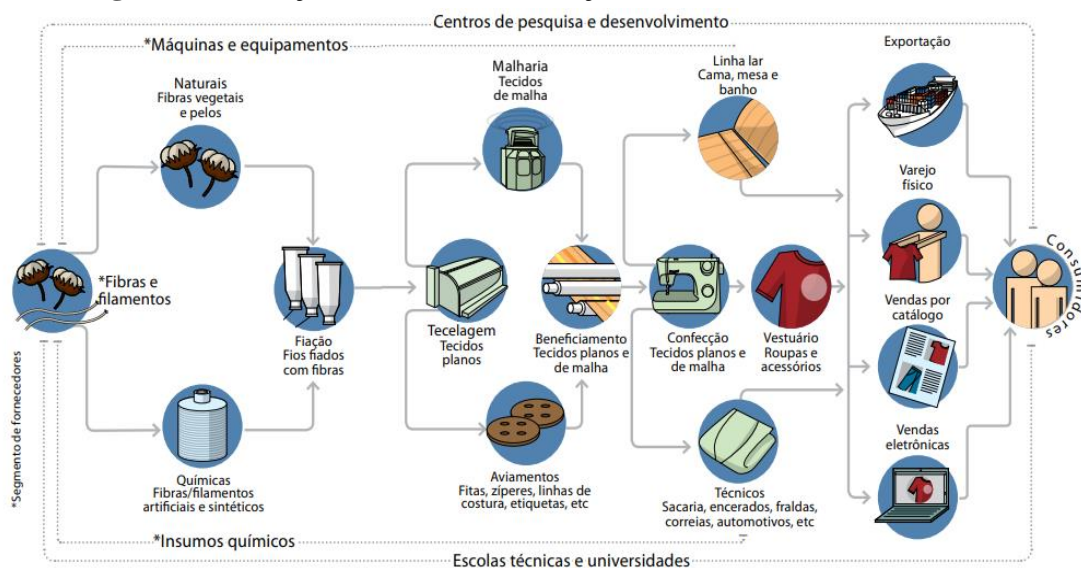
em 2017 contra 5,7 bilhões de peças em 2016. Em 2018, a produção de vestuário encerrou o período com retração de 3,7%. Já a produção média têxtil foi de 1,3 milhão de toneladas em 2017 contra 1,6 milhão de toneladas em 2016. Em 2018, houve queda de 1,6% na produção. (FCEM, 2019a)

Os maiores produtos e bens da indústria inteira podem ser divididos em algodão, fibras, têxteis e confecções. Para ter um perfil mais preciso do setor, é preciso saber um pouco sobre cada um desses itens separadamente, para que o impacto de cada um na cadeia possa ser apreciado, bem como o processo completo do início ao fim. Nesse sentido, é importante assinalar que:

Na cadeia têxtil, ao mesmo tempo em que há uma dependência de cada segmento industrial ao direcionar seu produto à próxima etapa do processo, uma empresa também pode ser independente em relação à possibilidade de colocação de um produto final no mercado. Uma organização empresarial, assim sendo, pode representar um segmento apenas, como a fiação ou tecelagem, ou pode participar de dois ou mais segmentos, dada a integração das atividades. (Costa, 2011)

Há várias etapas, conforme mostra a Figura 1, de produção e de distribuição dos materiais antes de chegar ao consumidor final, que é o caso de todos os brasileiros que já compraram alguma peça de roupa, roupa de cama ou de banho, ou até mesmo utilizam cintos de segurança.

Figura 1: Produção de têxteis e confecções.



Fonte: ABIT, 2018.

É importante também analisar qual a posição do Brasil nas Cadeias Globais de Valor³. A Cadeia Global funciona como uma grande empresa, se estabelecendo onde impostos são mais baixos, contratando a mão-de-obra mais barata, gozando do mais rápido prazo de entrega enquanto abaixa seus custos, conforme Gereffi e Korzeniewicz (1994). De acordo com Costa (2011), “os grandes compradores [nos países desenvolvidos] deslocaram

³ As CGV ocorrem na presença de uma cadeia com atividades que se integram em países diferentes, formando uma rede onde empresas com forte presença podem exercer influência ou até mesmo dominância sobre as restantes com o intuito de se colocar em vantagem estratégica (DOS ANJOS, 2005). Hoje em dia, os que possuem maior poder de governança são os “grandes varejistas e comerciantes detentores das marcas reconhecidas em todo o mundo” (p. 45).

empregos, empresas e setores inteiros para os países de custo mais barato, ocasionando a desindustrialização do setor têxtil e de confecção tradicional desses países. Os produtores que restaram tiveram que optar por estratégias de produção versátil, flexível, capazes de atender à demanda de moda com produtos de alto valor.” Assim:

Atualmente, o Brasil mantém vantagem competitiva na fabricação de tecidos pesados (índigo/denim), tecidos felpudos e tecidos para a linha de cama e mesa. Por outro lado, o Brasil apresenta desvantagem na produção de tecidos leves e tecidos sintéticos. (...) Embora o Brasil esteja à margem da dinâmica de produção da cadeia têxtil global, definida por compradores e lideranças situados nos países desenvolvidos e produção deslocada para países em desenvolvimento, [o Estado] sofre as consequências da globalização. Colocaram os empresários do setor têxtil diante do desafio da competitividade, no qual a geração e a incorporação cada vez mais rápida de inovações são fundamentais. (Costa, 2011)

Em comparação com outras regiões periféricas, como Europa Central e Oriental, o Brasil ainda possui acumulação notável em seu mercado doméstico. “Possui uma estrutura produtiva densa e diversificada, com todos os elos da cadeia produtiva.” (FLEURY et. al., 2007). Diferentemente do Brasil, o México, por exemplo, é utilizado como uma extensão dos Estados Unidos. Os tecidos pré-cortados são exportados para o país, que confecciona com mão-de-obra barata e reexporta o produto final, vendido em solo americano. A China, por outro lado, destaca-se positivamente tanto nas importações quanto nas exportações. O país asiático é o maior competidor no setor têxtil internacional.

3. Metodologia

O índice para a indústria têxtil brasileira foi elaborado para medir a atratividade dos 188 mercados incluídos na pesquisa. O objetivo é difundir informação quantitativa e qualitativa que auxilie nas relações comerciais exteriores do setor têxtil brasileiro, talvez até revelando um potencial inexplorado de parcerias.

O índice tem uma importância inerente; não só calcula dados que auxiliam na difusão de informação ao mercado, como também preenche uma lacuna acadêmica sobre o setor. Por meio do índice, análises de mercado podem ser feitas com maior precisão e consequentemente podem melhorar a *performance* do setor industrial.

O índice foi inspirado por uma pesquisa publicada pela ABICALÇADOS (2018), mas possui sua própria metodologia e desenvolvimento. Os indicadores utilizados para a construção desse índice de atratividade contemplaram três dados puros e quatro indicadores construídos.

Os dados puros referem-se ao índice elaborado pelo Banco Mundial, *Ease of Doing Business*, que compõe o **Ambiente de Negócios**; o **Tamanho Brasil** (composto pelo dado bruto das importações têxteis daquele país de origem brasileira, em valores absolutos), que pode ser zero ou não; e o **Tamanho Mundo** (importações têxteis totais de cada país), que sempre será diferente de zero.

O Tamanho Brasil é medido em milhares de dólares, conforme a unidade utilizada pela plataforma WITS (de onde foram extraídos os dados de importação e exportação utilizados no índice). O Tamanho Mundo também é medido em milhares de US\$, em conformes com o Tamanho Brasil.

O *Ease of Doing Business* (em português, Facilidade de Fazer Negócios) é um *ranking* anual que leva em consideração o ambiente regulatório empresarial de cada país e o

quanto ele é respeitado, além de medir a facilidade de abrir e fechar empresas naquele território, entre outros fatores que compõem o ambiente empresarial daquele país.

Os países que não apareciam no ranking, mas que tinham dados disponíveis na plataforma WITS, foram utilizados na pesquisa – mas tiveram o seu indicador *Ease of Doing Business* zerado. Alguns exemplos são Cuba e Coreia do Norte, países tradicionalmente fechados para o exterior e com pouca divulgação de informações comerciais domésticas; outros aparecem em apenas alguns anos do indicador, como por exemplo a Somália, que só forneceu os dados para o Banco Mundial em 2017 (tendo então pontuação zero nos outros anos).

A plataforma WITS (*World Integrated Trade Solution*) pertence ao Grupo do Banco Mundial, em parceria com órgãos internacionais como OMC (Organização Mundial de Comércio), UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), UNSD (Comissão Estatística das Nações Unidas) e ITC (Centro Internacional de Comércio). Todos são agências especializadas do Sistema ONU (Organização das Nações Unidas).

Os outros indicadores, conforme mencionado, possuem valores construídos, diferindo completamente da metodologia que serviu de inspiração para o trabalho inicialmente. Para facilitar visualmente, os indicadores serão referidos nas equações por siglas.

a) Relevância para o Brasil: divisão das importações têxteis de origem brasileira (Tamanho Brasil) pelas importações têxteis totais (Tamanho Mundo).

$$\text{Relevância para o Brasil} = \frac{T.BR}{T.M.}$$

Onde T.BR. corresponde ao Tamanho Brasil (dado anteriormente mencionado) e T.M. corresponde ao Tamanho Mundo (também estabelecido anteriormente). Seria o correspondente ao *market share* do Brasil nas importações têxteis daquele país específico.

b) Dinamismo Brasil: variação em números absolutos das importações têxteis brasileiras (de cada país) de um ano para o outro, dividida pela variação em números absolutos da exportação têxtil total brasileira. Com esse indicador, se recompensa quem cresceu apesar da adversidade (queda) e se pune quem caiu apesar do crescimento. Representa a penetração das importações têxteis de origem brasileira em determinado país levando em consideração se as exportações têxteis brasileiras para o mundo todo cresceram ou não.

$$\text{Dinamismo Brasil} = \frac{(I.Te.Br_{ANOX} - I.Te.Br_{ANOX-1})}{(E.Te.Br_{ANOX} - E.Te.Br_{ANOX-1})}$$

Onde I.Te.Br. corresponde às Importações Têxteis do Brasil (para aquele país específico), e E.Te.Br. corresponde a Exportações Têxteis Brasileiras (para todos os países). O “ano X” se refere ao ano que está sendo examinado, e “ano X-1”, ao ano anterior a esse.

c) Relevância Mundo: razão entre duas contas; a divisão das importações têxteis do país pelas importações totais têxteis (do mundo) pela divisão das importações totais do país pelas importações totais do mundo. Se for uma participação pequena na economia, isso deve ser refletido no índice para evitar ao máximo as distorções.

$$\text{Relevância Mundo} = \frac{\frac{I.Te.}{I.Te.M.}}{\frac{I.To.}{I.To.M.}}$$

Onde I.Te. novamente corresponde às importações têxteis de um determinado país (incluindo todas as origens) e I.Te.M. simboliza as importações totais têxteis do mundo

todo. Já I.To. representa as importações totais de um país (não só têxteis e confecções, mas todos os setores).

Em dois dos indicadores, foi necessária a realização de um procedimento adicional, a separação em quartis. Tanto nos resultados do Dinamismo Mundo quanto do Dinamismo Brasil, os sinais pareciam contradizer o acontecido muitas das vezes. Isso ocorria porque, se os sinais do numerador e do denominador fossem diferentes, o resultado seria negativo. Complementarmente, havia uma diferença de interpretação do significado no caso do numerador ser negativo ou do denominador ser negativo.

O mesmo ocorria quando os sinais eram iguais e produziam, portanto, um resultado positivo; o resultado tinha interpretações distintas quando numerador e denominador eram positivos ou quando numerador e denominador eram negativos. Por esse motivo, os resultados foram classificados em quatro definições diferentes:

- i) **Ótimo:** quando o sinal do numerador era positivo, e o denominador, negativo. Significava que as importações brasileiras cresciam em relação ao ano anterior, enquanto as exportações totais têxteis brasileiras (no caso do Dinamismo Brasil) ou as importações totais têxteis do país (no caso do Dinamismo Mundo) caíam em relação ao ano anterior.
- ii) **Bom:** quando ambos os sinais eram positivos, indicando um crescimento no conjunto dos dois dados.
- iii) **Ruim:** quando os dois sinais eram negativos, denunciando queda em ambos os dados, fossem eles do Dinamismo Brasil ou Mundo.
- iv) **Péssimo:** quando, apesar de um denominador positivo (podendo ser a variação de exportações têxteis brasileiras para o mundo, no caso do Dinamismo Brasil, ou as importações totais têxteis do país, no caso do Dinamismo Mundo), o crescimento das importações brasileiras para aquele país caía em relação ao ano anterior, tendo assim um numerador negativo.

Assim, cada uma das classificações supramencionadas ganhava um quartil de pontuação para compor seu número-índice. O primeiro quartil, Ótimo, correspondia aos pontos de 75 a 100; o Bom, de 50 a 75, e assim por diante, passando para Ruim, com 25 a 50, e Péssimo, de 0 a 25. Países que não importassem nada do Brasil zeravam alguns indicadores, evidenciando seu baixo dinamismo.

Em cada classificação há um número de países. Os 25 pontos daquele quartil foram então divididos por esse número para se chegar ao número-índice; por exemplo, se houverem 10 países classificados como Ótimos, cada um terá uma pontuação de 2.5 em relação ao próximo colocado, começando por 100 para o primeiro lugar, 97.5 para o segundo, 95, e assim por diante, até se chegar ao décimo do grupo, com pontuação 75.

d) Dinamismo Mundo: variação em números absolutos das importações brasileiras em cada país de um ano para o outro (mesmo numerador do dinamismo Brasil), mas dividido pela variação absoluta das importações têxteis totais de um país de um ano para o outro. Simplificando, seria o equivalente a quanto das importações têxteis daquele país são de origem brasileira; de cada 100 dólares, quanto foi importado do Brasil. O valor desse indicador pode ser zero, já que nem todos os países incluídos na pesquisa importam têxteis brasileiros.

$$\text{Dinamismo Mundo} = \frac{(I. Te. Br._{ANOX} - I. Te. Br._{ANOX-1})}{(I. Te._{ANOX} \cdot -I. Te._{ANOX-1})}$$

Onde I.Te.Br. novamente representa Importações Têxteis do Brasil (para aquele mercado), e I.Te. corresponde às importações têxteis de um determinado país (incluindo todas as origens, não só a brasileira). Mais uma vez, representa-se o ano em questão como

“ano X”, enquanto “ano X-1” corresponde ao ano anterior para que se possa examinar a variação de um ano para o outro.

Para os outros indicadores, o número-índice é atingido simplesmente dividindo todos os itens da lista pelo maior deles, ao qual se atribuía valor 100 (geralmente um número pertencente à China). Assim, o número-índice corresponde sempre ao maior possível naquele ano, que representava 100%, e os outros valores são sua parte em porcentagem. No indicador *Ease of Doing Business*, a pontuação aumentava ou diminuía meio ponto conforme subia ou descia uma posição no *ranking* divulgado para aquele ano, por terem quase 200 colocados. Os Estados que não divulgassem seus dados para o Banco Mundial eram penalizados com nota zero – demonstrando uma diferença entre eles e o último lugar do *ranking* (que nunca chegava a ser zerado por ter menos de 200 países).

Quadro 2: Indicadores do Índice de Atratividade.

Nome	Número-Índice	Ponderação
Ambiente de Negócios	Pontuação baseada no ranking publicado anualmente pelo Banco Mundial, o <i>Ease of Doing Business</i> . A cada posição para baixo do ranking, o valor (começando em 100 para o primeiro colocado) decrescia em 0,5 ponto.	Não
Tamanho Brasil	Importações têxteis brasileiras daquele país, divididas pelo maior da categoria – a China. Dados extraídos da plataforma WITS.	Não
Tamanho Mundo	Importações têxteis totais daquele país, divididas pelo maior da categoria – a China. Os dados são provenientes da plataforma WITS.	Não
Relevância para o Brasil	Relação entre Tamanho Brasil e Tamanho Mundo, dados anteriores; demonstra a penetração dos têxteis brasileiros naquele mercado internacional.	Sim, pelo maior número-índice, o da China
Relevância Mundo	Razão entre duas contas; a divisão das importações têxteis do país pelas importações totais têxteis (do mundo) pela divisão das importações totais do país pelas importações totais do mundo.	Sim, pelo Tamanho Mundo
Dinamismo Brasil	Mais uma vez contando com dados da plataforma WITS; é a relação entre as importações têxteis do país de origem brasileira (comparadas ao ano anterior) e as exportações têxteis brasileiras totais (comparadas ao ano anterior), para que se possa conferir se o país acompanhou o crescimento ou queda.	Sim, pelo Tamanho Mundo
Dinamismo Mundo	Mesmo numerador do Dinamismo Brasil; desta vez dividido pelas importações têxteis de todas as origens do determinado país (em relação ao ano anterior). Objetivo é determinar a penetração dos produtos brasileiros no total de importações têxteis daquele mercado.	Sim, pelo Tamanho Mundo

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

O cálculo do índice foi, inicialmente, realizado com uma média aritmética, mas foi notado que esse resultado não correspondia à realidade. Dando o mesmo peso para todas as variáveis, os primeiros lugares eram ocupados por mercados pequenos que priorizavam o Brasil como parceiro, ou então mercados enormes onde o Brasil não fazia diferença. Assim, foram feitas ponderações dos indicadores para não gerar distorções da realidade.

4. Resultados

Analisando os resultados obtidos, especialmente as cinco primeiras posições, é possível observar com clareza as grandes parcerias do Brasil no comércio têxtil internacional, sua relação com a política comercial brasileira como um todo, e a posição de determinados parceiros econômicos, estejam eles dentre os maiores ou menores, neste setor específico. Inicialmente, chama a atenção que a primeira posição não varia, permanecendo com a China em todos os anos estudados. É natural que a nação asiática retenha posições importantes em análises comerciais de praticamente qualquer indústria da grande maioria dos países do globo, dada a extensão de sua inserção no ambiente industrial e comercial internacional. No que tange ao índice, portanto, faz sentido que um país com níveis tão intensos de industrialização seja o primeiro colocado em todos os anos, ainda mais levando em consideração que a China é, há alguns anos, o maior parceiro comercial do Brasil.

Entretanto, o que talvez mais seja estranho ao observador é a diferença abismal entre o primeiro colocado de sempre, e os seguintes. Apesar do índice realizar um esforço para relativizar os mercados de acordo com seu tamanho e importância mundial para evitar distorções, a diferença da China para o segundo colocado e os seguintes é sempre de dezenas de pontos. Isso ocorre porque, como a China está frequentemente na primeira posição nas categorias Tamanho Mundo e Tamanho Brasil, ela se torna o número índice 100, e todos os outros são frações pequenas desse valor tão assombroso. Em suma, o tamanho China é de um impacto enorme nos valores calculados. É também natural que os Estados Unidos, outra potência industrial global, mantenham a segunda colocação durante todo o período analisado. Histórico aliado brasileiro, o país norte-americano foi por muito tempo nosso maior parceiro comercial, sendo ultrapassado somente pela própria China nos últimos anos. Sendo assim, as posições estáveis dos primeiros colocados parecem bastante razoáveis e alinhadas à política comercial do país como um todo entre 2013 e 2017.

A partir da terceira colocação, já começa a existir alguma variação, conforme mostra a Figura 2, ainda que a Alemanha se destaque. Em 2013, 2015 e 2017, o país se colocou como terceiro maior parceiro comercial brasileiro na indústria têxtil, firmando-se na posição na média geral de todo o período analisado.

Maior economia europeia por margem considerável, a nação mantém-se também como a mais economicamente estável do continente nos últimos anos, o que contribui para sua expansão comercial. Além disso, o país também tem presença contínua entre os cinco maiores parceiros comerciais do Brasil.

Com a terceira posição em 2014, a quarta em 2013, 2015 e 2017, e a quinta em 2016, a Coreia do Sul demonstra surpreendente solidez dentro do índice, dado que o país, apesar de ótimo desempenho econômico, não está nem mesmo entre os dez maiores parceiros comerciais do Brasil. Assim sendo, fica claro que há uma relação especialmente forte entre os dois países no âmbito têxtil, o que não necessariamente é o caso dos três primeiros colocados, que possuem fortes laços com o Brasil em muitas áreas além da têxtil.

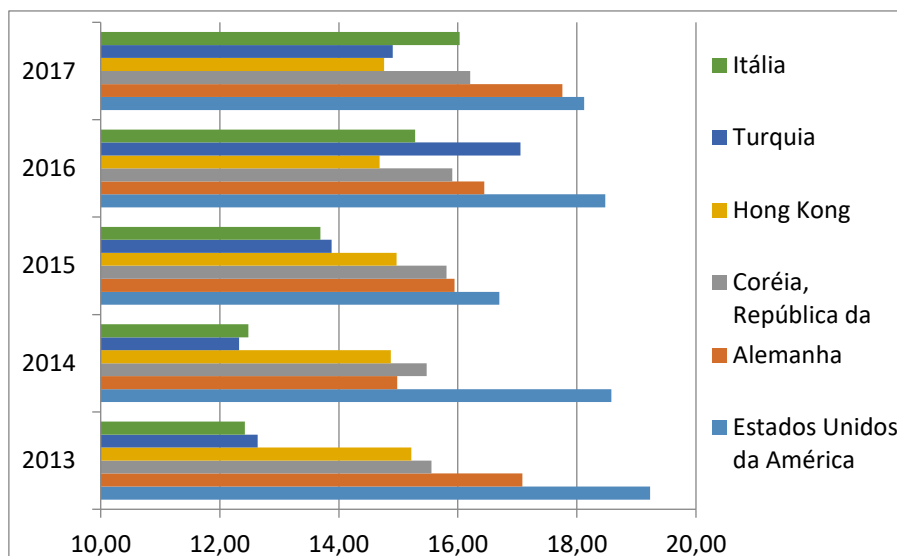
Outro destaque surpreendente é Hong Kong, que obteve a quinta posição por três anos consecutivos, de 2013 a 2015, caindo nos anos seguintes, mas ainda assim se mantendo entre os dez maiores. A região administrativa especial da China mostra-se, assim como a Coreia do Sul, como uma potência na área têxtil para o Brasil, mas que não se encontra entre os grandes parceiros comerciais do Brasil.

Dentro do período estudado, há três casos de ascensão no ranking do índice, dignos de nota: Itália, Turquia e Vietnã. No primeiro ano, 2013, os três encontravam-se abaixo da trigésima posição. A partir do ano seguinte, começaram a subir de patamar até que

finalmente, em 2017, os três estiveram entre os dez maiores parceiros comerciais do Brasil na indústria têxtil.

Turquia e Itália têm ascensão gradual. A Turquia atinge a terceira posição em 2016, e a Itália alcança a quinta em 2017. Já o Vietnã sobe pouco até 2016, mas dispara para a sexta posição no último ano. Essa repentina aparição do Vietnã pode ser acompanhada através do gráfico a seguir, que demonstra as 15 primeiras posições de todos os anos e suas trajetórias – muitas vezes com valores abaixo do décimo-quinto colocado, mas mesmo assim expressivos para avaliar sua evolução.

Figura 2. Variação do valor do índice para os 5 primeiros colocados de todos os anos – excluindo a China.



Fonte: Elaborado própria.

O restante dos 10 primeiros colocados do índice varia com mais frequência, mas vale assinalar que outros dois europeus, Dinamarca e Reino Unido, se mantêm entre as dez primeiras posições em todo o período estudado. Associando essa informação ao sucesso de Alemanha e Itália, percebe-se que países europeus têm posição estável e digna de nota dentro do comércio têxtil internacional brasileiro, o que explica a perspectiva positiva de se firmar o acordo entre Mercosul e União Europeia.

5. Referências Bibliográficas

AL MAHFUZ, Mir Abdullah. **A brief history of Brazilian textile industry** [online]. Disponível em: <<https://www.textiletoday.com.bd/brief-history-brazilian-textile-industry/>>. Acesso em 07 de abril 2019.

AMORIM, Alberto Henrique. **Competitividade internacional do complexo têxtil brasileiro no período 1998 a 2006**. REDIGE, v. 2, n. 1, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO (ABIT). **Declaração Conjunta da Abit e Euratex sobre o Acordo de Livre Comercio entre o Mercosul e a União Europeia**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.abit.org.br/noticias/declaracao-conjunta-da-abit-e-euratex-sobre-o-acordo-de-livre-comercio-entre-o-mercosul-e-a-uniao-europeia>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

COSTA, MARIA IZABEL. **Política de Design para o Fomento da Inovação na Cadeia de Valor Têxtil/Confecção de Moda de Santa Catarina**. 2011. Tese de Doutorado. PUC-RIO.

FCEM Febratex Group, 2019a. **Segmentos têxteis: conheça os 4 principais do mercado brasileiro**. Disponível em: <<https://fcm.com.br/noticias/segmento-textil-os-4-principais-do-mercado-brasileiro/>>. Acesso em: 07 de out de 2019.

FCEM Febratex Group, 2019b. **Cadeia têxtil: entenda as oportunidades deste segmento de acordo com a ABIT**. Disponível em: <<https://fcm.com.br/noticias/cadeia-textil-entenda-as-oportunidades-deste-segmento-de-acordo-com-a-abit/>>. Acesso em: 07 de out de 2019.

Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). **Mercado de moda deve crescer 3,1% ao ano até o ano 2021**. Graciliano Toni. 2018. Disponível em: <<https://www.fiesp.com.br/noticias/mercado-de-moda-deve-crescer-31-ao-ano-ate-2021/>>. Acesso em: 04 de out de 2019.

FUJITA, Renata Mayumi Lopes e JORENTE, Maria José. **A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural**. Revista Moda Palavra. e-Periódico, vol.8, n.15, jan./jul. 2015.

GEREFFI, Gary; KORZENIEWICZ, Miguel (Ed.). **Commodity chains and global capitalism**. ABC-CLIO, 1994.

GIROLETTI, Domingos. **The Growth of the Brazilian Textile Industry and the Transfer of Technology**. Textile History. Leeds, Inglaterra, volume 26, 1995. p. 215-231.

GORINI, Ana Paula Fontenelle. **Panorama do Setor Têxtil no Brasil e no Mundo: Reestruturação e Perspectivas**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 12, p. 17-50, set. 2000.

Instituto de Economia Agrícola (IEA). 2004. **O algodão nas exportações da cadeia têxtil e confecção**. Marisa Zeferino. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=1348>>. Acesso em: 08 de out de 2019.

LAFIS. **Relatório Setorial: Têxtil e Confecções**. São Paulo: LAFIS Consultoria, julho de 2019. 46 p. Autora, Laís Soares.

STEIN, Stanley J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil – 1850/1950**. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA, 1979.

TEIXEIRA, Francisco MP. **A história da indústria têxtil paulista**. Sinditêxtil-SP, 2007.

TEXTILE TODAY. **A brief history of Brazilian textile industry**. Mir Adullah Al Mahfuz. Disponível em: <<https://www.textiletoday.com.bd/brief-history-brazilian-textile-industry/>>. Acesso em: 14 de out de 2019.

WITS (World Integrated Trade Solution). 23 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://wits.worldbank.org/>>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

WTO (World Trade Organization). Textiles [online]. 2018. Disponível em: <https://www.wto.org/english/tratop_e/texti_e/texti_e.htm>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.